

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado*

Class.: 1524

Data: 10.08.85

Pg.:

Continua clima de muita tensão em Sede Trentin com ameaça de invasão

Chapeco. Os caingangues suspenderam as hostilidades contra os colonos de Sede Trentin, mas permanece a ameaça de uma invasão maciça de índios provenientes de Mangueirinha, Guarapuava (PR) e Xanxerê (SC). Reina forte clima de tensão entre índios e colonos de Sede Trentin/Toldo Chimbangue, palco de antiga luta pela posse de 2.000 hectares de terras.

As últimas 24 horas foram de calma na área conflagrada. Os índios paralisaram as ações protagonizadas no dia anterior (queima da escola, roubo de gado e apedrejamento de casas). Os colonos mantiveram reunião geral e decidiram fixar um prazo para que o Governo Federal tome a decisão de retirar os índios. O porta-voz dos brancos, Fidelis Trombetta, esclareceu que se até o dia 14, a Funai e os Ministérios do Interior e da Reforma Agrária não tiverem anunciado a decisão de retirar a comunidade indígena, os colonos adotarão medidas drásticas — "drásticas e não violentas", explica o porta-voz.

Para o subdelegado regional da Fundação Nacional do Índio, Nilo Paulo Moras, os colonos estão pressionando fortemente os índios com a definição de um "novo prazo fatal": "Isso representa uma coerção muito grande porque está implícito que os colonos tomarão medidas violentas depois de quarta-feira", interpretou o subdelegado. O representante da Funai reconhece que o Governo Federal está protelando demasiadamente a solução para o conflito de terras e teme que a situação se torne insustentável e ocorra derramamento de sangue.

Nilo Moras coloca que os índios permaneceram durante longo tempo submetidos à violência dos brancos que apredavam suas casas, destruíam suas roças e intimidavam suas famílias. Não suportando mais essa situação, o índio passou à ofensiva, praticando atos de violência para chamar a atenção da opinião pública e das autoridades para seu drama. O subdelegado assegura que a culpa pela eclosão de violência é dos próprios colonos que não estão tendo paciência para esperar uma decisão global para a questão.

A Funai tem absoluta certeza de que a terra pertence aos índios e fará tudo para que os nativos tenham as posses, disse Nilo Moras. Se a solução dependesse de decisões ou medidas do subdelegado, ele determinaria a retirada dos colonos e seu reassentamento em áreas do Governo, mantendo no

Toldo Chimbangue/Sede Trentin os Caingangues e suas famílias. Invoca razões históricas e antropológicas lembrando que toda a região era de posse imemorial dos índios. A solução, no entanto, depende do Ministério de Desenvolvimento e Reforma Agrária, explica Nilo. Ele desconhece informação, segundo a qual a Funai ingressará na Justiça Federal para solucionar o problema de Sede Trentin, uma vez que as vias políticas e administrativas falharam na obtenção de um acordo entre as partes.

Nilo Moras antecipou ontem que os índios não praticarão mais atos de vandalismo porque prometeram à Funai que, doravante, aguardarão soluções dos órgãos federais. A Funai pediu apoio das polícias civis, militar e federal para que impeçam agressões letais de parte a parte. O subdelegado negou que esteja ocorrendo incitamento dos índios e observou que eles, os nativos, representam uma minoria frente à sociedade branca. Lamentou que a causa indígena atraia para si toda a antipatia da sociedade regional, embora esteja revistida de elevados preceitos de justiça.

CONVIVÊNCIA

As agressões praticadas pelos índios impossibilitam e inviabilizam qualquer convivência pacífica doravante, assegura Fidelis Trombetta. Ele diz que os colonos perderam toda a confiança nos índios e não terão mais tranquilidade em viver na mesma área. "O que queremos é a retirada dos índios e seu reassentamento em outras terras, por conta e risco do Governo", expõe. A última proposta feita pelos colonos, na fase de negociações encerrada há três meses, sugeriu-se que as 18 famílias de caingangues fossem assentadas na reserva florestal do IBDF (floresta nacional) existente na localidade de Fazenda Zandavalli, município de Chapeco. A proposta foi intermediada pela Feaes, mas a Funai não aceitou sequer examiná-la.

O comportamento dos colonos brancos (cerca de 160 famílias) após a data-limite de quarta-feira próxima é imprevisível. Eles não antecipam que medidas tomarão se o Governo Federal não der um basta ao conflito, mas advertem: "Esperem e verão". A possibilidade de uma onda de violência é o que teme o Prefeito Ledônio Migliorini. Ele mantém-se em contato com a Secretaria de Segurança Pública e os Ministérios em Brasília. Mesma preocupação envolve o subdelegado da Funai que teme a beligerância dos colonos.

AÇÃO POLICIAL

A Polícia Militar retirou a barreira que mantinha na estrada de acesso à Sede Trentin/Toldo Chimbangue. Ali, pelotão de 30 soldados patrulhava a principal via de acesso. O policiamento ostensivo na vila de Sede Trentin foi mantido. O Prefeito Ledônio Migliorini foi informado pelo Secretário Heitor Sché que parte do policiamento seria tirado para evitar "pretextos" para novos ataques. O Prefeito preferia que o efetivo permanecesse no local, assegurando a tranquilidade.

Contidos os índios do Chimbangue, a preocupação dos colonos volta-se para a ameaça de invasão sustentada por índios do Paraná. Os colonos e a polícia têm informações de que está ocorrendo uma articulação de índios de Mangueirinha, Guarapuava, Palmas e Xanxerê para que um exército de 1.000 índios marche sobre Sede Trentin para pôr fim à disputa pelo emprego da força. Em Palmas estaria havendo intensa movimentação de índios com esse objetivo, revelam os colonos que estão sendo comunicados de informações por companheiros do Paraná. A Polícia mantém-se alerta com esquema que permitirá bloquear uma marcha dessa natureza muito antes do local dos conflitos.

Em Chapeco encontra-se o caingangue Luiz Alan, funcionário da Funai e líder de seu povo em Mangueirinha. Ele liderou movimento bem sucedido pela expulsão de grileiros, retirada da família Slaviero e obteve milionária indenização para sua comunidade. Alan acompanha o subdelegado da Funai em Chapeco, mas sua presença já foi interpretada pelos colonos agente da invasão.

O Secretário Heitor Sché da Segurança Pública garantiu ontem que a situação em Sede Trentin está sob controle. O efetivo policial militar na área foi aumentada. O acampamento dos índios está isolado. O mesmo acontecendo com casas de colonos brancos, localizadas dentro da faixa de conflitos.

O Secretário determinou que o delegado Regional de Chapeco comparecesse na área para se inteirar da situação e acompanhar de perto das demarques em busca de solução para o caso. Enquanto o Governo Federal através da Funai e do Ministério para Assuntos Fundiários não solucionar o impasse entre colonos e índios, o delegado gestionará junto às lideranças dos dois lados para que a paz seja mantida.

Formado comitê de solidariedade aos índios

Várias entidades da Capital anunciaram ontem a criação de um Comitê de Solidariedade aos índios caingangues do Toldo Chimbangue. O comitê foi criado na quinta-feira à noite, em razão dos incidentes entre os indígenas e colonos que disputam as terras do Toldo. Ontem, a OAB, representantes das entidades envolvidas, como a Associação dos Sociólogos, Movimento Ecológico Livre (MEL), Associação dos Professores da UFSC e o Partido dos Trabalhadores distribuíram nota à imprensa adiantando que o comitê vai realizar um ato público em apoio aos índios no próximo dia 28 de agosto, em local a ser definido numa reunião preparatória marcada para o próximo dia 15.

Na nota à imprensa, os organizadores do ato público responsabilizam os políticos catarinenses pela permanência do impasse entre índios e colonos e pelo incêndio da escola dos brancos pelos indígenas na última quinta-feira: "as pressões dos políticos de Santa Catarina impediram que o Governo Federal cumprisse a devolução das terras aos índios. Com isso, os ocupantes brancos sentiram-se fortalecidos e decidiram expulsar os caingangues da terra onde nasceram e onde sepultaram os seus mortos".

Os membros do comitê acusam principalmente o Governo do Estado pela atual situação, mas não isentam de culpa também o Governo Federal. Conforme afirmaram, depois da decisão do Grupo Interministerial de reconhecer a propriedade dos índios, o



O PT, a OAB, Apufsc, MEL e Associação dos Sociólogos se reuniram ontem

procurador geral do Estado entrou na Justiça com uma contestação. Desse modo ficou adiada a retirada dos colonos brancos da área, marcada para 16 de junho passado. O Grupo Interministerial que trata do assunto, formado pela Funai, Ministério da Reforma Agrária e Ministério do Interior, segundo os membros do comitê, também podem ter usado a representação do Governo do Estado como pretexto para não executar a devolução das terras indígenas.

A nota ainda explica os incidentes do dia 8 passado, fazendo uma curta retrospectiva dos acontecimentos:

— "No mês de julho, um grupo de 15 colonos, fortemente armados, passou a colher e ocupar todas as roças indígenas. Colheram milho, feijão, batata-doce, mandioca e derrubaram fruteiras e canaviais, deixando os índios sem ter o que comer. Os caingangues, desesperados sem mais poderem contar com o governo, decidiram resistir e retomar as terras por seus recursos próprios. Na madrugada do dia 8 os caingangues colocaram fogo na escola municipal de Vila Irani e mataram um boi dos colonos para amenizar sua fome, uma vez que ficaram sem suas roças".